

Júlia Suinta Fauth
Graduada em Psicologia
pela Universidade Federal
de Pelotas e Mestranda
em Enfermagem,
vinculada ao Programa
de Pós-Graduação em
Enfermagem da UFPel.
<https://orcid.org/0009-0006-6139-0673>, e-mail:
fauth.julia@yahoo.com.br

Édio Raniere da Silva
Doutor em Psicologia
Social e Institucional pela
Universidade Federal
do Rio Grande do Sul,
com Pós-Doutorado em
Filosofia pela Université
Paris-Nanterre. Atua
como Professor Adjunto
do curso de Psicologia
da UFPel e membro da
equipe do Programa
de Pós-graduação
em Artes do Centro e
Artes da UFPel. <https://orcid.org/0000-0002-0216-678X>, e-mail:
edioraniere@gmail.com

Maternidades instituídas: uma fabulação especulativa

Institutionalized motherhoods: a speculative fabulation

Resumo: O que torna uma produção acadêmica mais ou menos científica? Este ensaio busca tensionar a produção acadêmica tradicional que se ancora em metodologias rígidas e inacessíveis. Para tanto, aborda-se o conceito de maternidades instituídas por meio de uma fabulação especulativa, como recurso para elaborar reflexões acerca dos processos de subjetivação das maternidades, ao passo que se objetiva questionar e democratizar a produção acadêmica.

Palavras-chave: Maternidade; Trabalho reprodutivo; Feminismo; Fabulação especulativa.

Abstract: *What makes academic production more or less scientific? This essay seeks to challenge traditional academic production anchored in rigid and inaccessible methodologies. To do so, it addresses the concept of institutionalized motherhoods through speculative fabulation as a resource to elaborate reflections on the processes of subjectivation of motherhoods, while aiming to question and democratize academic production.*

Keywords: *Motherhood; Reproductive labor; Feminism; Speculative fabulation*

— Obrigada por vir depor, Mãe — sussurra Ritinha no meio do tribunal. — Eu sei que devia ter lhe avisado que estava usando você para fazer uma pesquisa, mas não imaginei que a Academia fosse vir atrás de mim desse jeito. Eles são a CIA da produção de conhecimento científico e agora precisamos explicar para eles tudo o que temos feito até aqui, o que a gente quer, porque a gente quer e o que está acontecendo, já que eu não fiz a pesquisa do jeito que eles gostam. Eu acho que...

— Silêncio — interrompe a juíza da Academia dando início ao julgamento. — Sra. Mãe, — diz um pouco confusa — conte-me tudo o que você sabe.

Atropelando as palavras de nervosismo, Mãe começa:

— Eu não sei de nada! Nada sobre a Ritinha e muito menos sobre essa pesquisa. Só sei que, às vezes, ela aparece na minha casa do nada e me fala de umas coisas que eu não faço a menor ideia da procedência, mas que fazem sentido pra mim.

— Certo, e quando foi exatamente que isso começou?

— Acho que começou num dia em que eu estava chorando e ela apareceu dizendo que eu tinha feito um chamado. Pensei que estava ficando louca (às vezes ainda penso), mas ela me perguntou meu nome e eu não soube dizer, na minha cabeça só vinha “Mãe”. Foi assim que ela passou a ir à minha casa depois que os meus filhos dormem para me falar sobre... Não lembro direito o nome... Acho que ela chama de “processos de subjetivação da maternidade”. Pelo que ela diz, isso são estruturas sócio-histórico-culturais que podem ter feito eu esquecer como me chamo e só lembrar de “Mãe”. Para me explicar isso, ela fala sobre dispositivo materno (Zanello, 2022), trabalho reprodutivo (Federicci, 2021) e sobre as maternidades enquanto instituições (Baremblytt, 1996) que operam por meio de instituídos e instituintes. Ela me disse que eu, como mãe, sou instituída por uma

visão de maternidade que gera novas formas de agenciamentos (Deleuze; Guattari, 2003), muitas vezes violentas na minha vivência como mulher depois de me tornar mãe. Ao mesmo tempo que também sou instituinte na minha relação com os meus filhos. Esse montão de coisa é para tentar descobrir se quando nasce uma mãe morre uma mulher. Aliás, Ritinha tem uma preocupação muito grande em me contar sobre as construções do gênero mulher. Segundo ela, o feminismo tem ondas e foi na segunda onda, lá pelos anos 60/70, que a palavra “gênero” surgiu e foi usada para compreender essa ideia de papel social (Zanello, 2022); e que as diferenças biológicas dizem respeito ao sexo, enquanto gênero às construções sociais causadas por essas diferenças e usadas como subterfúgio para atribuir representações de “homens” e “mulheres” (Zanello, 2022). “Essas representações ligavam as mulheres às ideias de bondade, cuidado, maternidade, domesticidade e, por outro lado, homens à ideia de trabalho, produtividade, embrutecimento e frieza emocional” (Zanello, 2022, p. 24). Ela também me disse que tudo o que me fala é baseado em teoria. Não sei se...

— *Objection*, vossa excelência! - diz Ritinha

— Negada. A senhora não é advogada para pedir objeção. Prosiga Dona Mãe. - pontua a Juíza

— Continuando, - segue Mãe - ela diz que essas coisas são baseadas na teoria feminista interseccional, que pensa na construção...

— Teoria - interrompe, mesmo sem autorização, Ritinha com uma risada irônica - Teoria por teoria existe uma de que todos os membros da família real são, na verdade, répteis. Não estamos falando em teorias, estamos falando em movimento. Movimento feminista.

— Silêncio! - diz a juíza em um tom de voz alto e seco - A senhora não pode interromper a audiência dessa forma, contenha os seus comentários. Prosiga, por favor, Dona Mãe.

— Enfim, como eu estava dizendo, ela diz que se baseia no MOVIMENTO - evidência Mãe olhando para Ritinha - feminista interseccional que pensa na construção de gênero enxergando a colisão de estruturas e opressões interligadas (Akotirene, 2019). Segundo ela, a gente tem que parar de pensar a mulher de forma universal e essencializada, já que, “gênero é [...] um conceito relacional que implica sempre relações de poder, de privilégios, de maior ou menor prestígio” (Zanello, 2022, p. 44).

— E o que isso tem a ver com a maternidade? — indaga a juíza.

— Tudo! — responde Mãe, um pouco mais tranquila e animada. — Depois da Revolução Industrial, o capitalismo gerou mobilidade social para os trabalhadores assalariados, menos para as mulheres (Federicci, 2021). Aos poucos elas foram sendo retiradas das fábricas, principalmente as mães. Quando elas foram para casa e passaram a ficar com os seus filhos, os homens passaram a receber um aumento chamado de “salário familiar”, ou seja, um salário que cobria os gastos dos filhos e da mulher que “não trabalhava” (Federicci, 2021) — diz Mãe fazendo sinal de aspas com os dedos.

— Por que as aspas? — pergunta a juíza curiosa.

— Porque na prática não é bem assim, né, Vossa Excelência. Ritinha me ensinou o conceito de trabalho reprodutivo e, desde então, mudei minha forma de pensar. Ela disse que o trabalho reprodutivo é “servir a mão de obra assalariada em termos físicos, emocionais e sexuais, prepará-la para batalhar dia após dia pelo salário” (Federicci, 2021, p. 27), ou seja, “por trás de cada fábrica, cada escola [...] tem o trabalho oculto de milhões de mulheres, que consomem sua vida reproduzindo a vida de quem atua nessas fábricas, escolas” (Federicci, 2021, p. 28). Isso falando de mulheres brancas, porque a “‘dona de casa’ refletia uma realidade parcial, pois ela era, na verdade um símbolo da prosperidade econômica de que gozavam as classes mé-

dias emergentes” (Federicci, 2021, p. 29), enquanto mulheres pretas nunca pararam de ser mão de obra assalariada, tendo sempre uma jornada dupla (Davis, 2016).

— *Objection*, vossa excelência! - interrompe Ritinha - Antes da Mãe continuar e da senhora me proibir de falar eu tenho só que acrescentar que a revolução industrial e a questão com as donas de casa tem um século separando aí no meio. Não tem como explicar isso tudo agora, mas da forma que a Mãe está colocando parece que aconteceu tudo junto. Fica feio pra mim parecer que expliquei como se fosse algo tão simples. Prossiga, Dona Mãe - diz Ritinha em tom de ironia mais uma vez.

— Senhora Ritinha, a próxima vez que a senhora interromper vai ser retirada do tribunal e receber uma punição. Interrupções e ironias em audiências Acadêmicas podem acarretar na perda de seus títulos. - Pontua a juíza. - Prossiga, Dona Mãe

— Vossa Excelência, para além de tudo que estamos falando até agora, tem muita coisa envolvida nisso, sabe? Eu pensei que não sabia mais quem eu era, que eu não tinha mais identidade, mas tenho pensado que a ideia de identidade vem de uma tradição metafísica ocidental que acredita em substância (Butler, 2012), quando, na verdade, somos agenciamentos de relações entre coisas, pessoas e ideias que geram múltiplos resultados e possibilidades na maneira como as coisas se unem e se tornam atuantes em um sistema maquínico (Deleuze; Guattari, 2010), e não algo que nasce com a gente. Penso também que...

— Obrigada Dona Mãe, podemos parar por aqui com o seu relato e dar continuidade a audiência. Agora eu vou te fazer algumas perguntas específicas. A Senhora Ritinha, está aqui pois foi feita uma denúncia anônima de que ela estaria fazendo pesquisa usando uma metodologia que não temos registrada e aprovada no nosso Banco

de Métodos Possíveis Para Fazer Ciência. O que a senhora, Dona Mãe, sabe sobre Fabulação Especulativa?

— Olha, Vossa Excelência - responde Mãe nervosa novamente - eu nunca ouvi falar disso. A única fabulação que eu conheço está nos livros infantis dos meus filhos. Eu nem mesmo sei direito como funciona a academia. Eu até entrei em um curso de graduação uma vez, mas tive que trancar em seguida por conta dos meus filhos. Eu atrasava a entrega de trabalhos, ficava infrequente porque às vezes tinha que sair no meio da aula para atender alguma demanda deles e várias outras situações que eu precisava ser mãe e não aluna.

— Mas e neste tempo de academia - pergunta a juíza - o que se senhora entendia como ciência?

— CHEGA! Deu dessa patacoada toda! — intervém Ritinha sem paciência. — Ela já falou tudo o que eu contei para ela até o momento. Mas olha que bobagem a gente ter que estar aqui depondo para explicar uma simples pesquisa. Vocês queriam o quê? Que eu estivesse fazendo um aglomerado de citações perfeitamente colocadas e articuladas com os devidos advérbios de ligação? Construindo um texto formal com dados, tabelas, porcentagens e entrevistas para ninguém entender nada do que está lendo? Minhas desculpas a tão enorme, tradicional, universal e rigorosa Academia, mas eu não estou interessada nisso. Estou interessada em pensar na pesquisa questionando “quais são as forças que dela se apoderam, qual é a vontade que a possui? Quem se exprime, se manifesta, e mesmo se oculta nela?” (Deleuze, 2018, p. 52). O que ela quer? Quando perguntamos "O que quer a pesquisa?", na verdade estamos organizando a questão "O quê?". Não queremos exemplos, mas definir um tipo, que é baseado na vontade de poder e suas forças. A vontade não busca um objeto, mas um tipo. Assim, para entender quem busca a verdade, precisamos saber o que a vontade quer, o que a pesquisa quer. Esse é o

método de dramatização de Nietzsche, caso queiras pesquisar no teu Banco sei lá das quantas. Método diferencial, tipológico e genealógico (Deleuze, 2018). “Não há literatura sem fabulação, mas [...] a fabulação, a função fabuladora não consiste em imaginar nem em projetar um eu”, mas, sim, emergir um impessoal que surge a partir da relação entre “o que quer” e “o que cria” (Deleuze; Pelbart, 1997). É isso que eu quero: fabular! Quando eu estou pesquisando, não estou sozinha pesquisando, é a relação entre mim, a Mãe, as pessoas que chamo para conversar e o acontecimento único desses percursos que permitem alinhar, organizar, agenciar signos (Sauvagnargues, 2020, p. 8). Vocês vão me dizer que isso é menos científico? Menos rigoroso? Eu preciso que vocês entendam que aí do alto deste tribunal vocês não conseguem falar com ninguém e isso, para mim, não é produção de conhecimento, é violência epistêmica (Battistelli, 2022)! E agora, — disse Ritinha se levantando e puxando Mãe para junto dela — vocês não precisam nem me retirar pois já vou fazer isso por mim mesma. Vou embora daqui porque eu tenho muito trabalho para fazer, já que, diferente de muitos, eu não dou respostas, eu permaneço com o problema (Haraway, 2023), pego *e/le* pela mão, pelo pé, pelo braço e me sujo *dele*. É assim que eu faço pesquisa. Ah! E sobre meus títulos, não preciso nem dizer o que eu penso sobre isso. Fui!

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BAREMBLITT, Georges F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.
- BATTISTELLI, Bruna. **Entre cartas e conversas: por uma política de pesquisa feminista e contra-colonial para a psicologia social**. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2022.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DELEUZE, Gilles; PELBART, Peter Pál. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka para uma literatura menor**. São Paulo: Editora Assírio & Alvim, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.
- HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazendo parentes no chthluceno**. São Paulo: n-1 Edições, 2023.
- SAUVAGNARGUES, Anne. Somos nada mais que imagens. [Entrevista cedida a] Eduardo Raniere e Luciana Hack. **Revista Polis e Psique**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 6–29, 2020. DOI: 10.22456/2238-152X.97503. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/97503>>. Acesso em: 8 ago. 2023.
- ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: culturas e processos de subjetivação**. Curitiba: Editora Appris, 2018.
- ZANELLO, Valeska. **A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações**. Curitiba: Editora Appris, 2022.